

Readequação do ensino

04 JUL 1989

JOSÉ ANTONIO DE AZEVEDO



Uma das maiores deformações culturais de nossa sociedade é uma certa aversão ao trabalho. É uma herança de alguns séculos, exacerbada pela lei do "leva-vantagem", tornada moda em anos recentes, e que se tornou um poderoso obstáculo ao desenvolvimento.

Refletindo sobre o que tem sido a qualidade do ensino no País nos últimos anos, chega-se à conclusão de que o poder público é responsável por essa grave deformação cultural. Uma responsabilidade, portanto, que não pode ser dissociada dos partidos políticos, da chamada sociedade civil organizada. Enfim: das elites dirigentes de nossa sociedade.

A escola pública era, até há bem pouco tempo, vista como um privilégio. Quem não se orgulha de ter no currículo uma passagem pelo Pedro II, no Rio, ou o Roosevelt, em São Paulo? Saía-se da escola com base de conhecimento e método e gosto para o estudo. Saía-se preparado para seguir estudos superiores. Hoje é desígnio absoluto. E essa falta de confiança em um ensino desmoralizado acompanha uma parte da escola privada. Particularmente aquela que, em consequência do modismo do "leva-vantagem", proliferou como balcão de venda de certificados.

A verdade é que, na maioria dos casos, sai-se das escolas no mesmo nível de ignorância com que se entrou. A regra geral é que se sai da

6 de cada
ESTADO DE SÃO PAULO

escola sem o mínimo de preparo para iniciar qualquer trabalho. E, em outra escala, o fenômeno se repeete nas universidades. As honrosas exceções, por isso mesmo, são para minorias, que podem entrar em uma universidade sabendo como dela tirar proveito. E que, antes mesmo de terminar o curso, já têm lugar reservado no comando do sistema.

No nível da grande massa que entra e sai das escolas, em quaisquer de seus estágios, o normal é a perplexidade, a angústia de não saber, a falta de perspectiva com relação ao futuro. Além do baixo nível no ensino em geral, peca-se ainda pela ausência quase total de cursos profissionalizantes. Claro que há exceções, como os Sesis, Senais e algumas escolas agrícolas de nível médio. Nessas exceções existem até mesmo empresas que patrocinam cursos técnicos para a formação de mão-de-obra especializada — tudo, porém, insuficiente, ainda, para as enormes necessidades do País. O desenvolvi-

Compete à indústria imobiliária formar técnicos

mento econômico-social só pode ser alcançado com um grande esforço no sentido do desenvolvimento técnico e tecnico-científico. A base para este é a escola. Se desejarmos realmente inserir o País no rol dos países desenvolvidos, com um PIB per capita compatível com os tempos atuais, temos de repensar a escola. Precisamos de uma reforma ampla do ensino, com revisão total dos currículos. A escola deve ter como filosofia o desenvolvimento. A escola orientada para o trabalho, fazendo parte do esforço nacional para o desenvolvimento integral do

País. A formação de técnicos de nível médio é tão ou mais fundamental quanto a formação de quadros universitários. A cada um cabe um papel específico no desenvolvimento técnico-científico e no esforço de construção nacional. Enquanto a universidade deve se voltar mais para a pesquisa científica, a escola profissionalizante, formadora de técnicos médios, se preocupará mais com a prática produtiva.

A responsabilidade pela formação do técnico deve ser assumida também — e principalmente — pela iniciativa privada. Afinal, é esse o setor que, na maioria dos casos, detém o conhecimento técnico. Tome-se como exemplo a indústria da construção. Pode haver melhor escola para a formação profissional do que um canteiro de obras?

Para superar em tempo o enorme déficit habitacional que aflige a sociedade brasileira, a indústria da construção deve pensar que só poderá enfrentar esse desafio se tiver os quadros técnicos necessários. Quem é do ramo sabe que o mercado de trabalho dispõe de poucos técnicos qualificados para mestre de obras, carpinteiros, eletricistas e outros, necessários para colocar o setor num ritmo de produção compatível.

Este é um problema realmente sério. Nesses anos de inércia da indústria imobiliária houve uma fuga de técnicos para outros setores da economia. Caso pretendamos retomar o desenvolvimento do setor, é preciso, desde já, começar a formar os técnicos necessários. E essa responsabilidade tem de ser assumida pelo próprio setor.

José Antonio de Azevedo é diretor-presidente da Lopes Consultoria de Imóveis.